

ENTRE O RIZOMA E A COMPLEXIDADE: A HETEROTOPOLOGIA

BETWEEN RIZOMA AND COMPEXITY: HETEROTOPOLOGY

Ariel Elias do Nascimento¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O artigo é uma profunda investigação sobre quatro pilares essenciais que moldaram o pensamento na modernidade: Pensamento Complexo, Rizoma, Heterotopia / Heterocronia e Rede. Em sua jornada intelectual, o texto destaca as nuances e complexidades das ideias propostas por Giles Deleuze e Félix Guattari. Para proporcionar uma visão mais completa e contextualizada, o estudo entrelaça essas concepções ao cenário foucaultiano, particularmente no que diz respeito ao entendimento de tempo e espaço. Contudo, o diálogo não se limita apenas a esses filósofos. Reconhece-se a relevância das contribuições de outros luminares como Edgar Morin, André Parente e Pierre Musso. Este entrelaçamento de vozes e perspectivas visa criar um mosaico rico e multifacetado de compreensão. Em meio a esse vasto panorama, o Pensamento em Rede emerge como uma força transformadora. Ele não é apenas uma ferramenta metodológica, mas uma abordagem que desafia as convenções, propondo uma visão mais integrada e dinâmica da realidade contemporânea. Nesse sentido, o artigo ressalta a imperatividade de uma abordagem interdisciplinar e flexível para decifrar as intrincadas tramas da era moderna.

Palavras-chave: Rizoma; Heterotopologia; Rede.

Abstract: The article is a profound: investigation into four essential pillars that have shaped modern thought: Complex Thinking, Rhizome, Heterotopia / Heterocronia and Network. On its intellectual journey, the text highlights the nuances and complexities of the ideas put forth by Giles Deleuze and Félix Guattari. To provide a more comprehensive and contextualized view, the study intertwines these conceptions with the Foucauldian landscape, particularly concerning the understanding of time and space. However, the dialogue is not confined to these philosophers alone. The relevance of contributions from other luminaries like Edgar Morin, André Parente, and Pierre Musso is acknowledged. This interweaving of voices and perspectives aims to create a rich and multifaceted mosaic of understanding. Amidst this vast panorama, Network Thinking emerges as a transformative force. It is not merely a methodological tool but an approach that challenges conventions, proposing a more integrated and dynamic view of contemporary reality. In this regard, the article underscores the imperative of an interdisciplinary and flexible approach to decipher the intricate tapestries of the modern era..

Keywords: Rhizome; Heterotopologia; Networking Thinking.

Submetido em 11 de novembro de 2023.

¹ Professor do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins e membro do Gestadi. Email: ariel@uft.edu.br

Aprovado em 18 de dezembro de 2023.

Introdução

1. Dialogando com Possibilidades

Diálogo = di / logos

Nosso ponto de partida será pensar o significado do léxico *diálogo*. Esta expressão é um substantivo masculino que traz por definição: “contato e discussão entre duas partes; troca de ideias”. (HOUAISS, 2009)

Partindo desta premissa, propõe-se neste ensaio buscar pontos dialógicos entre alguns conceitos. Avancemos pela Filosofia, uma seara de conhecimento que nos remete a temas e teorias que muitas vezes escapam aos nossos olhares; mas, buscando um entendimento compreensível, propomos seguir pela trilha do que nos é familiar, no sentido de tornar a compreensão clara sobre o tema abordado.

Assim, esta dialogicidade seguirá, concomitantemente, pelo entendimento sobre a relação dialógica conceitual dos temas, e, na medida do possível, retratar com exemplos do cotidiano para que esta abordagem teórica consiga ser didática, compreendida, discutida e rediscutida, mostrando enfim que um texto não termina nele mesmo, pois ele sempre será um motivador para novas abordagens sobre o tema.

Neste sentido, serão discutidos quatro conceitos: num primeiro momento, será apresentado o conceito de *Heterotopia* como constituinte de um espaço; na sequência, serão abordados o *Rizoma* e o *Pensamento Complexo*, não apenas como meios para se entender este espaço heterotópico, mas sobretudo como podem dialogar entre si na construção *deste* espaço heterotópico. Para tanto, utilizaremos o conceito de *Rede* para se pensar este diálogo possível.

2. Sobre Espaços

O que é espaço? Espaço possui uma dupla interpretação: refere-se a lugar; refere-se à representação. Uma é real, outra imagética. Mas o espaço *só é, só tem sentido*, quando participado, vivido, sentido. (MAFFESOLI, 1984)

Poder-se-ia dar infinitos exemplos sobre como ocorre este perceber ou pertencer o espaço, suas representações sobre o homem, mas, fiquemos em dois exemplos para não estender em nosso ensaio. Espaço real: a casa; espaço por excelência da convivialidade. Espaço imagético: os mitos e crenças religiosos. (MAFFESOLI, 1984)

Independente do espaço, ou, seja qual espaço for, todo espaço possui uma tensão, uma vez que há, inevitavelmente, uma relação de força primária que será a base constitutiva deste espaço. Para usar os exemplos já citados: casa; implica uma relação de poder hierárquica; religião: relação de poder baseada na crença do imaterial como fundante das regras, dos ritos. (MAFFESOLI, 1984; ELIADE, 2008)

Acompanhando as análises de Michel Maffesoli (1984), este esclarece que o tempo somente pode ser percebido levando-se em consideração o espaço, pois é na vivência que se estabelece dentro de um determinado espaço, os valores e significados presentes dentro dos espaços, é que é possível perceber a passagem do tempo, seja por conta dos ponteiros do relógio, do caminhar do sol ou da lua, ou mesmo momentos mais singulares com o tempo gasto entre o ir e vir da casa ao trabalho.

Partimos deste entendimento sobre o espaço para, a partir dele, ampliar nosso olhar; para tanto, buscaremos em Michel Foucault uma abordagem sobre o espaço que será, a contento, a base para nossa discussão.

Entre os anos 1966 e 1967, Michel Foucault proporá às ciências humanas uma leitura sobre o tempo e sobre o espaço. Em 1966 esta propositura não receberá nenhum nome específico, contudo Foucault já apresenta seu delineamento teórico conceitual claro e, como de sua praxe, dialógico com as ciências humanas, naturais, biológicas. Não vamos nos estender aqui, mas é necessário pontuar sua teoria. Suas ideias começam a se esboçar e são apresentadas no capítulo “A prosa do mundo”, de sua célebre obra *As palavras e as coisas* (1966). Neste capítulo, Foucault apresenta algumas “noções que, na superfície do pensamento, se entrecruzam, se imbricam, se reforçam ou se limitam”. (FOUCAULT, 1995, p. 34)

Neste sentido, ele nos apresenta quatro princípios, sendo a conveniência o primeiro: “são convenientes as coisas que, aproximando-se umas das outras, vêm a se emparelhar: tocam-se nas bordas, suas franjas se misturam, a extremidade de uma designa o começo da outra.” (FOUCAULT, 1995, p. 34)

O segundo princípio é a emulação: “uma espécie de conveniência, mas que fosse liberada da lei do lugar e atuasse, imóvel, na distância”. (FOUCAULT, 1995, p. 35) “Há na emulação algo do reflexo e do espelho” (FOUCAULT, 1995, p. 35). “Por essa relação de emulação, as coisas podem se imitar de uma extremidade à outra do universo sem encadeamento nem proximidade: por sua reduplicação em espelho, o mundo abole a distância que lhe é própria; triunfa assim sobre o lugar que é dado a cada coisa.” (FOUCAULT, 1995, p. 36)

A emulação apresenta-se de início sob a forma de um simples reflexo, furtivo, longínquo; percorre em silêncio os espaços do mundo. Mas a distância que ela transpõe não é anulada por sua sutil metáfora; permanece aberta para a visibilidade. E, nesse duelo, as duas figuras afrontadas se apossam uma da outra. O semelhante envolve o semelhante, que, por sua vez, o cerca e, talvez, será novamente envolvido por uma duplicação que tem o poder de prosseguir ao infinito. Os elos da emulação não formam uma cadeia como os elementos da conveniência: mas, antes, círculos concêntricos, refletidos e rivais. (FOUCAULT, 1995, p. 37)

O terceiro princípio será a analogia:

Como esta [emulação], assegura o maravilhoso afrontamento das semelhanças através do espaço; mas fala, como aquela [conveniência], de ajustamentos, de liames e de juntura. Seu poder é imenso, pois as similitudes que executa não são aquelas visíveis, maciças, das próprias coisas; basta serem as semelhanças mais sutis das relações. Assim, alijada, pode tramar, a partir de um mesmo ponto, um número indefinido de parentescos. (FOUCAULT, 1995, p. 37)

O quarto princípio será a simpatia: “nela nenhum caminho é de antemão determinado, nenhuma distância é suposta, nenhum encadeamento prescrito. A simpatia atua em estado livre nas profundezas do mundo” (FOUCAULT, 1995, p. 39). “Ela é o princípio da mobilidade: atraindo as coisas umas às outras por um movimento exterior e visível” (FOUCAULT, 1995, p. 39-40). A simpatia trabalha em conjunto com seu oposto, a antipatia: “esta mantém as coisas em seu isolamento e impede a assimilação”. (FOUCAULT, 1995, p. 40)

Assim esclarece Michel Foucault: “*Convenientia, aemulatio, analogia e simpatia* nos dizem de que modo o mundo deve se dobrar sobre si mesmo, se duplicar, se refletir ou se encadear para que as coisas possam assemelhar-se”. (FOUCAULT, 1995, p. 42)

Estes princípios serão retomados um ano após a publicação desta obra. Em 1967, Michel Foucault², ao se debruçar sobre o conceito de espaço/tempo em comunhão com a relação de força, percebe que há espaços/tempos que sofrem uma mutação de significado em sua forma, atribuindo outras experiências sociais. Assim, há Espaços e Tempos que acabam representando vários significados ao mesmo tempo. A estes espaços e tempos, Foucault nomeará de Heterotopia e Heterocronia, respectivamente.

O que viria a ser heterotopia e heterocronia? No texto “As heterotopias”, Michel Foucault apresenta seus argumentos iniciais da seguinte forma:

Há países sem lugar e histórias sem cronologia; cidades, planetas, continentes, universos, cujos vestígios seria (sic) impossível rastrear em qualquer mapa ou qualquer céu, muito simplesmente porque não pertencem a espaço algum. Sem dúvida, essas cidades, esses continentes, esses planetas nasceram, como se costuma dizer, na cabeça dos homens, ou, na verdade, no interstício de suas palavras, na espessura de suas narrativas, ou ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos, no vazio de seus corações; numa palavra, é o doce gosto das utopias. No entanto, acredito que há – e em toda sociedade – utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que tem um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias. É bem provável que cada grupo humano, qualquer que seja, demarque, no espaço que ocupa, onde realmente vive, onde trabalha, lugares utópicos, e, no tempo em que se agita, momentos ucrônicos. (FOUCAULT, 2013a, p. 19)

É desta forma poética que Foucault inicia sua discussão apresentando um profundo e sistemático estudo sobre o espaço e o tempo; os contraespaços ou as heterotopias e as hetero-cronias, as quais Michel Foucault proporá que se funde na ciência Heterotopologia, responsável em aprofundar estudos sobre os outros espaços e os outros tempos. Neste sentido, Michel Foucault nos esclarece que: “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. [...] ocorrer que as heterotopias são frequentemente ligadas a recortes de tempo. São parentes, se quisermos, das heterocronias.” (FOUCAULT, 2013a, p. 24-25)

Foucault finaliza seu estudo sobre os espaços apresentando a pedra angular de toda heterotopia: “elas são a contestação de todos os outros espaços, uma contestação que pode ser exercitada de duas maneiras: ou como nas casas de tolerância [...], criando uma ilusão que denuncia todo o resto da realidade como ilusão, ou, ao contrário, criando

² Segundo nos informa Daniel Defert, no Posfácio do livro o corpo utópico, no dia 14 de março de 1967 o Círculo de estudos arquiteturas de Paris convidara Foucault a pronunciar uma conferência sobre o espaço para a qual ele propôs uma analítica nova, que batizou de "heterotopologia". (DEFERT, 2013a, p. 33)

outro espaço real tão perfeito, tão meticoloso, tão bem disposto quanto é desordenado, mal posto e desarranjado”. (FOUCAULT, 2013a, p. 28). Percebe-se, assim, uma complementariedade entre os princípios enunciados em 1966 e a Heterotopia enunciada em 1967.

Após estes esclarecimentos sobre a relação de força tensionada no espaço e no tempo, e na perspectiva que Michel Foucault apresentou e expomos acima, vamos tentar exemplificar as heterotopias e as heterocronias com os objetos já apresentados, a casa / a religião. O espaço da casa é muito amplo; por ser amplo, torna vago o exemplo. Tomemos ou o quarto, ou a sala, ou a cozinha: os móveis dispostos se transformam em barreiras naturais, montanhas, rios, vales, *canyons*, onde os soldados, cavaleiros, índios, devem desbravar e conquistar o outro lado. O sofá, a cama, a cadeira, se transformam em salões de beleza para as bonecas ou bonecos que, segundo as necessidades, precisam passar por uma “intervenção” de maquiagem, ou mudança de corte de cabelo (real que se transmuda em imagético = espaço heterotópico e heterocrônico). Se a casa é um espaço que nos retira o foco do entendimento, a religião idem. Tomemos a igreja, o centro, são lugares que apresentam, concomitantemente, o encontro temporal e o encontro terreno, promovendo, através de uma casualidade onde o sagrado é o carro chefe, um futuro romance profano. Assim, aos olhos do sagrado, no espaço sagrado, um evento profano. Mas, para não perder o foco da religião, a presença ou durante a comunhão na igreja católica, ocorre a presença “material” seja dos deuses dos centros ou de Jesus na igreja católica (tanto um quanto o outro, são heterotopias e heterocronias nos espaços sagrados).

Estes exemplos apresentam, por fim, uma outra relação com o tempo, uma heterocronia, onde múltiplos tempos são vivenciados ao mesmo tempo, pois são formulados sonhos, desejos, encontros fortuitos que se realizam na imaginação, seja antes e durante, para se tornar o presente do futuro realizável e deixar de ser uma heterotopia ou uma heterocronia.

3. Sobre Paradigmas

Esclarecimento inicial: tendo apresentado o conceito de heterotopia e heterocronia, partimos agora para pensar o Rizoma e o Pensamento Complexo. Foi

necessário explorar os conceitos de Michel Foucault pois estes conceitos são facilitadores para se pensar e/ou visualizar seja o Rizoma ou o Pensamento Complexo.

3.1 Diálogos Possíveis – Rizoma

Gilles Deleuze e Félix Guattari, em 1980, publicam a obra *Mil Platôs*. A Introdução desta obra, denominada “Introdução: Rizoma”, tem por objetivo apresentar o conceito que não apenas nortearia o pensamento destes autores, mas os colocaria no centro das discussões conceituais na França, como fundadores do pensamento rizomático.

De modo simplificado, o pensamento rizomático parte do princípio de que as estruturas naturais, biológicas ou mesmo sociais, estão ligadas por inúmeros pontos conectivos, como uma rede. Segundo os autores, o pensamento rizomático possui seis princípios, assim denominados: o primeiro e segundo princípios são de conexão e de heterogeneidade: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 14) “Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais. Uma cadeia semiótica é como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, lingüísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 14-15).

O terceiro princípio é de multiplicidade:

É somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 15).

O quarto princípio é de ruptura a-significante: “contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 17)

O quinto e o sexto princípios são os de cartografia e de decalcomania: “um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer idéia de eixo genético ou de estrutura profunda”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 20). “O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele

mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 21) “Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre ‘ao mesmo’. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida ‘competência’”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 21)

3.2 Diálogo Convergente – Pensamento Complexo

Todo o texto onde se explicita as bases do método rizomático, ou Rizoma, contido nesta Introdução (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 10-36), tornam-se inovadores na década de 1980, pois abrem espaço, nas Ciências como um todo, para ampliar as bases teóricas das Ciências, propostas pelo Rizoma.

Contudo, Félix Guattari e Gilles Deleuze, em seus *Mil Platôs* (1980), deixam de fora um autor conterrâneo e contemporâneo a eles, Edgar Morin. Este autor vem consolidando uma série de investigações conceituais sobre Pensamento Complexo desde 1973 quando é publicado *O paradigma perdido*, tema retomado em sua obra *O método 1*, publicada em 1977.

Embora os autores do Rizoma não façam nenhuma citação direta dos textos ou mesmo do autor Edgar Morin, sua ideia não deixa de estar presente no método rizomático: “um acontecimento microscópico estremece o equilíbrio do poder local.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 24). Ora, esta ideia retoma as bases expostas por Edgar Morin no livro *I d’O Método*, onde nos é apresentado que a causalidade é fundamental para se entender as mutações presentes em todas as esferas da *physis*; a causalidade é tomada por desordem ou catástrofe.

A desordem está em ação por toda parte. Ela permite (flutuações), fomenta (encontros) a constituição e o desenvolvimento dos fenômenos organizados. Ela coorganiza e desorganiza, alternativa e simultaneamente. Todo devir está marcado pela desordem: rupturas, cismas, desvios são as condições de criações, nascimentos, morfogêneses. (MORIN, 2016, p. 100)

Em outra citação presente nesta obra de Edgar Morin, agora extraída de sua Introdução Geral, denominada de “O Espírito do Vale”, o autor explica que: “nossa

necessidade histórica implica encontrar um método que detecte, e não que oculte as ligações, articulações, solidariedades, implicações, imbricações, interdependências, complexidades.” (MORIN, 2016, p. 29)

Ora, vejamos como o Rizoma é apresentado na Introdução aos *Mil Platôs*:

Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria (n+1). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído (n-1). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. [...] O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de "devires". Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 31-32)

Para tornar nosso argumento mais esclarecedor, vejamos como são estruturados a base conceitual da complexidade. O Pensamento Complexo, ou Teoria da Complexidade, elaborada por Edgar Morin a partir de 1973, foi, ao longo dos anos de 1980 e 1990, ganhando corpo, metodologia e, por que não, princípios. Em 1990 Edgar Morin sistematiza os oito princípios que norteiam o Pensamento Complexo. O primeiro princípio é a irreduzibilidade do acaso e da desordem; assim esclarece Morin sobre este princípio: “devemos constatar que a desordem e o acaso estão presentes no universo e ativos na sua evolução e, por outro lado, não podemos resolver a incerteza que as noções de desordem e de acaso trazem; o próprio acaso não está certo de ser acaso. A incerteza continua, inclusive no que diz respeito à natureza da incerteza que o acaso nos traz.” (MORIN, 2001, p. 178)

Um segundo princípio da complexidade é a transgressão da “abstração universalista que elimina a singularidade, a localidade e a temporalidade”. (MORIN, 2001, p. 178)

O terceiro princípio é a complicação. Assim explica Edgar Morin: “o problema da complicação surgiu a partir do momento em que percebemos que os fenômenos biológicos e sociais apresentavam um número incalculável de interações, de inter-retroações, uma fabulosa mistura que não poderia ser calculada nem pelo mais potente dos computadores.” (MORIN, 2001, p. 179)

O quarto princípio é denominado por *order from noise*, que “significa que os fenômenos ordenados (organizados) podem nascer de uma agitação ou de uma turbulência desordenada.” (MORIN, 2001, p. 179)

O quinto princípio é da organização. “a organização é aquilo que constitui um sistema a partir de elementos diferentes; portanto, ela constitui, ao mesmo tempo, uma unidade e uma multiplicidade.” (MORIN, 2001, p. 180)

O sexto princípio é o hologramático. Segundo Morin, “holograma é a imagem física cujas qualidades de relevo, de cor e de presença são devidas ao fato de cada um dos seus pontos incluírem quase toda a informação do conjunto que ele representa.” (MORIN, 2001, p. 181)

O sétimo princípio é a crise dos conceitos fechados e claros. Isso significa que ocorre “uma ruptura com a grande ideia cartesiana de que a clareza e a distinção das ideias são um sinal de verdade”. (MORIN, 2001, p. 183)

O oitavo princípio é a volta do observador na sua observação. Assim explica Morin: “não é só o sociólogo que está na sociedade; conforme a concepção hologramática, a sociedade também está nele; ele é possuído pela cultura que possui.” (MORIN, 2001, p. 186)

Após estas citações dos princípios do Rizoma e do Pensamento Complexo, percebe-se uma similaridade conceitual entre estas propostas; lembrando que são contemporâneas entre si (Pensamento Complexo, 1977; Rizoma, 1980). Poderíamos fazer uma licença poética e tomar um pelo outro, ou, entender que as propostas de Edgar Morin estão na base do pensamento rizomático. Mas esta ideia seria anacrônica,

até porque nada justificaria esta aproximação entre estes autores, a começar pela data de publicação de suas respectivas teses.

3.3 Rupturas Rizomáticas

Como exposto anteriormente, seja o método do Rizoma ou o método do Pensamento Complexo, ambos promovem rupturas conceituais existentes no século XX. Entendamos: a obra *Mil Platôs* demonstra uma ruptura ao método cartesiano de construção de conhecimento, embora esta informação fique subentendida nas proposituras do Rizoma.

Deleuze e Guattari (1995) apresentam que o pensamento rizomático, ou Rizoma, é caracterizado basicamente pela ideia da conectividade, onde “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 14) e que este sistema se apresenta como “um sistema a-centrado, quer dizer, como uma rede maquina de autômatos finitos (rizoma)”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 27)

Esta teoria rompe com a linearidade causal proveniente do pensamento cartesiano, uma vez que este (método cartesiano) tem como proposta verificar empiricamente o mundo visível, tornando-o um discurso científico com provas e contraprovas sobre os experimentos; neste sentido, somente é possível estabelecer uma relação de poder na ciência em uma natureza visível, seja ela social, biológica ou natural. Já o método rizomático, pelo contrário, amplia as potencialidades discursivas a partir do momento que a imaginação entra em cena, possibilitando outros diálogos que o método cartesiano não permitiria.

Neste sentido, esta proposta tende a ser a “solução” para os problemas do sistema cartesiano, uma vez que o método rizomático se mostra mais resistente em relação à flexibilizar-se sobre os diálogos, ideias, conceitos (principalmente se estes não estiverem embasados sobre o mundo real, verdadeiro) e pela ideia da não hierarquia entre os saberes (a base do método cartesiano está presente em *cogito, ergo sum*, onde a Razão é a única forma de se buscar o conhecimento).

A proposta de Deleuze e Guattari é pensar em um sistema a-hierárquico, uma vez que ele assegura uma não linearidade conceitual, uma não hierarquização

dogmática; este questionamento, enfim, cria, funda, explicita a liberdade como princípio da organização da natureza, das ciências, do homem.

Esta ideia fica mais clara quando os próprios autores expõem que “não reconhecemos nem cientificidade nem ideologia, somente agenciamentos” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 33). Se o método cartesiano busca a verdade pela leitura do mundo real (através da Razão), o método rizomático busca a compreensão dos conectivos interpretativos ou discursivos apresentados sobre este mundo (real ou imagético).

3.4 Rupturas Complexas

Em relação à Edgar Morin, este deixa claro ao apresentar que o pensamento complexo é a necessidade de rever o paradigma ocidental de construção do conhecimento. Esclarece Morin na introdução de sua obra: “eu estou cada vez mais convencido de que os problemas cuja urgência nos prende à atualidade exigem que nós nos desapeguemos dela para considera-los em seu fundamento”. (MORIN, 2016, p. 21) “Eu estou cada vez mais convencido de que nossos princípios de saber ocultam o que é vital conhecer nos dias atuais.” (MORIN, 2016, p. 21) “Eu estou cada vez mais convencido de que a sociedade antropossocial precisa se articular com a ciência da natureza e que essa articulação requer uma reorganização da própria estrutura do saber” (MORIN, 2016, p. 22), ideias estas que serão norteadas pelos oito princípios do Pensamento Complexo, como exposto acima, onde nos deixa claro o rompimento com o método cartesiano para se buscar a verdade.

4. Considerações Finais

Buscamos neste texto algumas aproximações teórico-metodológico que se encontram nas leituras transversais do Rizoma e do Pensamento Complexo; ou seja, tivemos a pretensão de fazer uma interpretação rizomática, tal como expresso no texto, apresentando pontos que se cruzam em teorias não presentes, ou, buscamos os ausentes no presente.

Concluiremos nossa exposição apresentando o argumento de que estas teorias convergem no espaço/tempo (Heterotopia/Heterocronia), e são perceptíveis pelo princípio da Rede.

Michel Foucault, ao propor os conceitos de heterotopia e heterocronia, abre caminho para a percepção física do espaço e a percepção temporal do tempo, consolidando uma base de conhecimentos teóricos e metodológicos (os princípios expostos em 1966 e 1967) para que outras teorias encontrassem sua sustentação.

Assim, seja o Rizoma ou o Pensamento Complexo, pelo nosso entendimento, foram possíveis de se perceber a partir do que Michel Foucault chamou de Heterotopologia, ou, a ciência que se caracteriza na percepção de outros espaços e outros tempos. Dito de outra forma, foi necessário romper com o dogma cartesiano para que outros espaços se tornassem visíveis na esfera da ciência.

Poderíamos ainda apresentar que a Heterotopologia será o *locus* da mudança espacial; pois são os espaços de onde parte todas as interpretações cartesianas, que serão ressignificados em seu tempo, espaço, uso, forma, ou mesmo na reconstrução de tradições, identidades, normas, ritos, por conta das possibilidades heterotópicas enunciadas pela causalidade de Edgar Morin ou pela leitura “construtivista” de Guattari e Deleuze.

Finalizando nossos apontamentos, retomamos um último conceito anteriormente abordado e, com ele, pretendemos estabelecer um elo entre o Pensamento Complexo, o Rizoma e a Heterotopia. Para tanto, recorreremos ao princípio da Rede.

Assim como espaço/tempo/heterotopia/heterocronia, Michel Foucault será o norteador do conceito de Rede, iniciando as proposituras dialógicas entre searas do conhecimento, pois somente através da construção de um sistema de conhecimento em rede é que seria possível uma compreensão plena da relação Homem / Mundo. Segundo Foucault:

É preciso reconstituir o sistema geral do pensamento, cuja rede, em sua positividade, torna possível um jogo de opiniões simultâneas e aparentemente contraditórias. É essa rede que define as condições de possibilidade de um debate ou de um problema, é ela a portadora de historicidade do saber. (FOUCAULT, 1995, p. 90)

Esta tese será retomada pela Teoria da Rede, a qual, segundo André Parente explica no Prefácio de sua obra:

A noção de rede vem despertando um tal interesse nos trabalhos teóricos e práticos de campos tão diversos como a ciência, a tecnologia e a arte, que temos a impressão de estar diante de um novo paradigma, ligado, sem dúvida, a um pensamento das relações em oposição a um pensamento das essências. (PARENTE, 2013, p. 9)

Neste sentido, e caminhando mais um pouco sobre o entendimento da Rede, assim esclarece Pierre Musso no texto “Filosofia da rede”, capítulo que abre o livro *Tramas da rede*: “a rede é uma estrutura de interconexão instável, composta de elementos em interação, e cuja variabilidade obedece a alguma regra de funcionamento” (MUSSO, 2013, p. 31). Sobre este fundamento, Musso apresenta três princípios:

1. A rede é uma estrutura composta de elementos em interação; estes elementos são os picos ou os nós da rede, ligados entre si por caminhos ou ligações, sendo o conjunto instável e definido em um espaço de três dimensões.
2. A rede é uma estrutura de interconexão instável no tempo; a gênese de uma rede (de um elemento de uma rede) e sua transição de uma rede simples a outra mais complexa são consubstanciais a sua definição. A estrutura de rede inclui sua dinâmica. Que se considere o desenvolvimento de um elemento em um todo-rede ou de uma rede de redes, trata-se sempre de pensar uma complexificação autoengendrada pela estrutura da rede.
3. Enfim, terceiro elemento de definição da rede, a modificação de sua estrutura obedece a alguma regra de funcionamento. Supõe-se que a variabilidade da estrutura em rede respeita uma norma – eventualmente modelizável – que explica o funcionamento do sistema estruturado em rede. Passa-se da dinâmica da rede ao funcionamento do sistema, como se o primeiro fosse o invisível do segundo, portanto seu fator explicativo. (MUSSO, 2013, p. 31-32)

Ora, está claro nestes princípios uma simbiose das teorias apresentadas neste texto, ou, em outras palavras, o rizoma e o pensamento complexo se dialogam na heterotopia, que, lembrando Foucault, está localizada em uma rede, onde os significantes possuem diversos significados. (FOUCAULT, 1995)

Retomando Musso, ele conclui seu texto da seguinte forma:

A rede é um veículo que nos transmuda em “passantes”, sempre mergulhados nos fluxos (de informações, de imagens, de sons, de dados...). O movimento é contínuo [...] a democracia reticular põe cada um numa situação de passagem, “conectando-o” a uma rede. O presente é passagem, transição, movimento. Não há mais necessidade de operar mudança social, ela se faz permanentemente. (MUSSO, 2013, p. 37)

Através desta citação, passamos para nossa conclusão, pontuando que as teorias acima discutidas (Rizoma e Pensamento Complexo), estabelecem trocas, fluxos, amalgamam-se, dialogam-se, constroem-se e reconstroem-se nos espaços da Heterotopia, Rede, espaços que se transmutam de significados, formas, funções,

tempos para, enfim, conectar ideias, conceitos, teorias, que passam do “senso comum” ao “senso crítico” e vice-versa, discutindo e invertendo a lógica do método cartesiano, descentralizando ou não hierarquizando temas, estabelecendo relações democráticas entre os saberes, tal qual o rizoma ou o pensamento complexo estabelecem em seus princípios, promovendo uma construção de saberes outros nos espaços e tempos outros, tal qual preconizado pela ciência da Heterotopologia.

Neste sentido, pensar em Rede ou pensar Heterotopologicamente, passa a significar o rompimento com as amarras dogmáticas das teorias que preconizam uma determinada “verdade”, seja ela econômica, social, religiosa; enfim, pensar em Rede proporciona a destruição das amarras conceituais, ou, em outras palavras, deixa o fluxo das ideias livres para seguir os caminhos que melhor se adequam às soluções dos problemas que são estabelecidos. Isto significa que pode haver intercâmbios entre “ferramentas” e “manuais” entre áreas do conhecimento (Geografia, Filosofia, Biologia etc.), entre formas de se pensar (Estruturalismo, Marxismo, Positivismo, etc.), pois a base da Heterotopologia e da Rede proporciona esta dialogicidade entre os saberes, para que se encontre respostas outras a problemas já postos.

Referências

DEFERT, D. Posfácio. In: FOUCAULT, M. **O corpo utópico / As heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1, 2013. p. 33-55.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lucia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Célio Pinto Costa. Rio de Janeiro: 34, v. 1, 1995. p. 10-36.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Ana Lucia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Célio Pinto Costa. Rio de Janeiro: 34, v. 1, 1995.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogerio Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico / As Heterotopias**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1, 2013.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**. Rio de Janeiro : Instituto Antonio Houaiss, Objetiva, 2009.

MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Tradução de Marcia C. de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Doria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E. **O método 1: a natureza da natureza**. Tradução de Ilana Heineberg. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2016.

MUSSO, P. A filosofia da rede. In: PARENTE, A. **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Tradução de Marcos Homrich Hickmann. Porto Alegre: Sulina, 2013. Cap. 1, p. 17-38.

PARENTE, A. Prefácio. In: PARENTE, A. **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 9-13.

PARENTE, A. **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2013.